

Escrevivência: tecendo palavras, reverberando trajetórias

“Negar o direito de uma educação de qualidade é, parafraseando Kant, negar tudo o que a educação tem a oferecer ao homem”, assim, Luana Silva, estudante do 3º ano do IFPE Campus Garanhuns, finalizou, em seu artigo de opinião, a reflexão sobre a problemática da qualidade social da educação pública brasileira. Assim, ela incitou esta professora, com mais de 20 anos dedicados à docência na esfera pública, a partilhar a trajetória pedagógica que, mesmo com várias pedras no meio do caminho, buscou proporcionar o que de melhor a educação tem a oferecer: a protagonização dos educandos. Nesse contexto, o caráter de denúncia social do Gênero Artigo de Opinião se tornou um solo fértil para a propagação das vozes dos estudantes e por isso foi escolhido como eixo para esta sequência.

Primeira aula no início do ano letivo de 2021, ainda no modelo remoto, conversei com os estudantes sobre a intenção em participar das Olimpíadas de Língua Portuguesa e eles acolheram a ideia. Iniciamos uma conversa com um tom de bate papo, falei para eles sobre minha história de vida, a cidade onde nasci e morei durante muitos anos, as qualidades e os desafios do pacato município de Camaragibe, minha terra. Todos nós temos um lugar no mundo a que reservamos esse título e assim, alguns estudantes abriram os microfones e começaram a falar sobre os seus lugares de identificação afetiva, seja por ter nascido ou por estar vivendo, cada um expressou um pouco desse relato pessoal, inspirando-se na narrativa que fiz sobre minhas vivências. Nesse momento, percebi que vários focaram nos aspectos positivos, um verdadeiro convite: VENHA NOS VISITAR, foram 9 municípios diferentes com tanta diversidade que eu, que ainda não conheço todos, fiquei com uma imensa vontade de arrumar as malas e dizer: partiu!!!

Foi quando os provoquei a olhar os principais problemas sociais dentro do seu lugarzinho no mundo que mais os impactavam, as questões que faziam eles sentirem na pele o desrespeito a um direito que eles deveriam ter, como todos queriam falar ao mesmo tempo, fiz uma roleta aleatória para selecionar a ordem de fala, iniciamos por Clésio, Robson e Luana. Foi durante esse momento que o tema EDUCAÇÃO foi se tornando presente na maioria dos discursos, era a escola do município em que eles estudavam antes que não tinha aula quando chovia, porque as salas eram todas remendadas; era o estudante que relatou ter passado um ano sem aula de português, porque não tinham contratado professor para substituir o que entrou em licença médica; era a falta de incentivo aos esportes, porque no colégio não tinha quadra; era o município considerado o das melhores escolas que deixou de ter investimentos e hoje tem um dos piores índices da região; era um filho de professora revoltado com as condições salariais e de trabalho da mãe, assim a aula se tornou um púlpito para as vozes de diversos papéis sociais que os estudantes exerciam.

Depois do provocativo debate, apresentei várias produções fotojornalísticas vencedoras do prêmio Pulitzer que se caracterizavam como denúncia social, refletimos sobre as temáticas

abordadas. Pedi para que cada um trouxesse, na aula seguinte, uma foto que fosse capaz de traduzir imageticamente a questão problemática sentida na pele. Educação Pública, Desemprego de Jovens qualificados e Segurança foram, respectivamente, os temas mais recorrentes no fotojornalismo que eles produziram e foi assim que geramos o tema da produção inicial do artigo de opinião. Sem nenhum trabalho prévio, pedi para que eles produzissem o gênero utilizando a foto como recorte temático. Meu objetivo final era a construção de um artigo de opinião adequado às características relativamente estáveis do texto e que reverberasse a voz de um dos papéis sociais assumidos pelos estudantes, fiz um *Backward Design* (planejamento reverso) (WIGGINS & MCTIGHE, 2019) e agora precisava fazer uma leitura de mundo sobre as características linguístico-discursivas que eles previamente conheciam do gênero textual em questão para evidenciar os principais problemas e de que maneira iria trabalhar esses percalços nos módulos da minha sequência didática.

Ao fazer a leitura dos textos, constatei duas questões que se revelaram como necessárias a serem ajustadas ao longo do desenvolvimento da sequência: uma da **ordem da arquitetura interna** – com textos monoblocos, sem a presença da pessoalidade e com argumentação de senso comum – e outra da **ordem do contexto de produção** – com o apagamento da voz social do produtor de texto e sem definições claras sobre o propósito comunicativo do texto. Para minha surpresa, quase todos os textos atendiam mais aos critérios do gênero dissertativo do que do artigo de opinião, quando os indaguei sobre a ausência da pessoalidade marcada no texto, tive a seguinte resposta de Bruna: *mas podia colocar o EU num texto que tem argumentos?* Todos se espantaram quando eu informei que eles deveriam ter escrito o texto em 1ª pessoa do singular, finalizei a aula fazendo a leitura do texto *Escola apolítica ou Política na escola?* Do estudante Erisvaldo Ramalho, um dos vencedores das Olimpíadas de LP.

Assim nasceu a sequência didática: **ESCREVIVÊNCIA**, montada com 4 módulos em que cada um correspondia a uma semana de trabalho. Com base nas metodologias ativas, cada etapa foi focalizando uma problemática levantada na análise diagnóstica, estudamos a diferenciação entre fato, opinião e argumentos através de um *brainwriting* virtual, utilizando o fotojornalismo de denúncia produzido por eles como temática a ser debatida por todos. Depois, individualmente, os estudantes criaram uma situação-problema, partindo da foto e foram solicitados a procurarem informações relevantes sobre a questão problematizada com o intuito de aprimorarem o texto.

Agora chegou a hora de reescrever o texto. Até este momento, estudei o gênero por meio de bons exemplos, mas sem a sistematização das características recorrentes. Ao receber os textos, percebi que eles ainda não conseguiam cumprir com a maioria das características do gênero e a argumentação era predominantemente de senso comum. A sensação de que fiz algo errado, porque o resultado não demonstrou significativo impacto na produção como eu esperava, foi inevitável.

O módulo 3 foi totalmente refeito, decidir, inspirada na pirâmide de William Glasser (1986), focar a aprendizagem em ações mais ativas, propus a sala de aula invertida, utilizando a análise de 3 artigos de opinião e o levantamento das características recorrentes. Em equipe, fizeram esse levantamento e compartilharam coletivamente em uma discussão muito produtiva, só depois desse momento, fiz a sistematização do gênero. Trouxe a primeira versão de um artigo de opinião produzido ano passado por um estudante da escola e juntos, com um roteiro de correção que montei como base, fomos indiciando quais eram os principais problemas e quais as orientações que daríamos a este estudante para a reconstrução. Em seguida, fiz a leitura da última versão do texto em análise e foi possível observar que o estudante conseguiu cumprir com a maior parte das orientações que havíamos construído.

Nesse momento, a missão de cada grupo foi ler a segunda versão dos textos dos integrantes da equipe e produzir um roteiro de orientações de reescrita para cada um. Marquei reuniões para que cada grupo pudesse elaborar coletivamente essas orientações, durante este momento, atuei mais como observadora e foi muito gratificante observar o amadurecimento dos temas e do gênero durante essas rodas de conversa virtual.

Em seguida, trabalhei com eles a questão dos operadores argumentativos através dos estudos da coesão sequencial e as formas de diversificar as retomadas no texto através do estudo da coesão referencial, fechando o quarto módulo da sequência. Construir um roteiro de orientações para que cada estudante pudesse reescrever. Com o roteiro produzido pela equipe e o meu, os estudantes se aventuraram na terceira versão do texto e o resultado foi encantador, era nítido o reverberar dos diálogos produzidos nos encontros da equipe, quanto aprendido aquele momento nos proporcionou, para mim, foi a etapa mais decisiva para a verticalização do conhecimento do gênero e a atenuação dos problemas tanto da ordem da arquitetura interna, quanto do contexto de produção.

Este trabalho ganhou medalha de prata na Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa 2021. Findo essa experiência com a certeza de que o utópico sonho da educação pública com qualidade social pode ser real e desenvolvido como projeto por um país mais equitativo, onde o protagonismo de nossos jovens seja a trajetória que quebra o silêncio de muitos SILVAS que, assim como eu e Luana, foram transformados pela educação pública e promovidos a vozes ativas capazes de possibilitar que os sonhos não sejam limitados a condições sociais em que nascemos.

Referências

GLASSER, W. **Control theory in the classroom**. New York: Perennial Library/Harper & Row Publishers, v. 6, p. 144, 1986.

WIGGINS, Grant, & MCTIGHE, Jay. **Planejamento para a compreensão: alinhando currículo, avaliação e ensino por meio do planejamento reverso**. 2.ed (ampliada). Porto Alegre: Penso, 2019.